

SUICÍDIO ANÔNICO, COVID-19 E O MITO DE SÍSIFO

Jhony Henrique Ribeiro Lima¹

Resumo

Existem vários estudos médicos sobre o suicídio partindo de perspectivas científicas, biológicas e psíquicas. Dois filósofos olharam para esse fato trágico fora do olhar médico e com perspectivas diferentes, sendo eles, o francês Émile Durkheim autor do livro “O Suicídio”, trazendo três formas denominadas por ele como: suicídio egoísta, altruísta e anônimo. E por sua vez o argelino Albert Camus com o livro intitulado “O Mito de Sísifo”, o qual fala sobre um homem que foi condenado pelos deuses a rolar uma enorme pedra até o cume do monte e vê-la descer novamente logo após chegar ao topo, repetindo-se sempre o mesmo ciclo pelo resto de sua vida.

Palavras-chave: Absurdidade. Albert Camus. Émile Durkheim. Filosofia. Mortes. Pobreza. Sísifo. Sociedade. Sociologia. Suicídio. Vida.

Introdução

Estima-se que 800 mil pessoas tiram a sua própria vida por ano. A cada pessoa que comete o suicídio, maior é o número daqueles que tentam cometer e não “obtem êxito”. (UOL, 2020).

O suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens e adultos e a maioria deles são cometidos em países com maiores índices de miséria e extrema pobreza. Armas de fogo, drogas e enforcamento são os métodos mais utilizados pelos suicidas.

¹ Aluno do Curso de Filosofia da PUC-Campinas.



Este trabalho tem como objetivo trazer os conceitos de suicídio elaborados pelo filósofo e sociólogo Emile Durkheim com enfoque maior no conceito de suicídio anômico, relacionando com a pandemia de COVID-19 e concluir com argumentos do livro “O Mito de Sísifo” do filósofo Albert Camus que também retrata sobre o suicídio.

Desenvolvimento

Desde as últimas décadas, o ser humano tem visto grandes avanços tecnológicos que jamais imaginara.

Viagens que duravam semanas e até meses para chegar a outros países ou mesmo cidades passaram a serem feitas em apenas algumas horas com a ajuda da tecnologia, que pôde desenvolver meios de transporte rápidos o suficiente para chegar a um destino com milhares de quilômetros em apenas poucas horas, como é o exemplo do avião. Cartas que duravam semanas para serem entregues ao seu destinatário, foram substituídas por mensagens de textos que chegam instantaneamente em aplicativos instalados em smartphones.

Não podemos negar que a tecnologia facilitou bastante à vida do ser humano, porém com o mesmo ritmo avançado que a tecnologia e seus adventos vêm desenvolvendo-se, têm crescido o número de pessoas que tem tirado a sua própria vida, e a cada dia, esse número tem subido drasticamente.

Sempre que ouvimos falar ou conhecemos alguém que cometeu ou tentou o suicídio, nós nos perguntamos: o que leva a uma pessoa a tentar contra a própria vida ou até mesmo a tirá-la?

O suicídio foi muito estudado no século XIX fora do olhar médico pelo filósofo e sociólogo Émile Durkheim Considerado o pai da sociologia moderna. Nasceu na França em 1858 e morreu em 1917. Durkheim escreveu o livro intitulado “O Suicídio”. Ele traz a alusão de que a causa de alguém tirar a própria vida é multifatorial, ou seja, ela não tem uma razão específica.

Para Durkheim, o suicídio é um fato social e há três formas que devem ser estudadas para a compreensão, denominadas por ele como: suicídio egoísta, suicídio altruísta e o suicídio anômico.

Suicídio egoísta é cometido pelo indivíduo que não se considera pertencente à determinada sociedade e não vê razão nenhuma em sua própria vida. “Se, nesse caso, o vínculo que liga o homem à vida se solta, é porque o próprio vínculo que o liga à sociedade se afrouxou”. (DURKHEIM, 2000 p.266).

No suicídio altruísta o indivíduo sente-se no dever de fazer “a razão parece está fora da própria vida”, quando é feito de forma a defender uma sociedade, é pensado em um bem maior, por exemplo, os kamikazes no Japão ou até mesmo os homens bombas. “Então, como é uma virtude, e até a virtude por excelência, não ter apego à existência, louva-se aquele que renuncia a ela diante da menor solicitação da circunstância ou até por simples bravata” (DURKHEIM, 2000, p.277).

Já o suicídio anômico ocorre quando a sociedade em que o indivíduo está inserido pode estar passando por uma grande crise. Quando há uma degradação da sociedade por causa de grandes problemas. Segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa (2001, p.45), A anomia é a ausência de lei ou de regras, uma desorganização, como é o caso atual do mundo que está enfrentando uma grande pandemia de COVID-19 que gerou impactos sociais, econômicos, culturais, políticos e ceifou até o presente momento milhões de pessoas em todo o mundo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (Fiocruz, 2020), uma pandemia ocorre quando uma nova doença se dissemina muito rápido em todo o mundo e a transmissão entre pessoas ocorre muito rapidamente. O primeiro caso da COVID-19 foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019.

Uma pesquisa realizada em um hospital psiquiátrico nos Estados Unidos relatou que o suicídio pode aumentar em 32% durante a quarentena por causa da pandemia mundial causada pela Covid-19. “Quando, de um ano para o outro, as falências repentinamente se tornam mais numerosas, pode-se ter certeza de que ocorreu alguma perturbação grave” (DURKHEIM, 2000, p.304).

“Toda ruptura de equilíbrio, mesmo que resulte em maior abundância e aumento de vitalidade geral, impele à morte voluntária. Todas as vezes que se produzem graves rearranjos no corpo social, sejam eles devidos a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem se mata mais facilmente. Como isso é possível?” (DURKHEIM, 2000. p.311).

Durkheim diz que para responder a esta pergunta, são necessárias algumas considerações antes de tudo.

Qualquer ser vivo só pode ser feliz ou até só pode viver se suas necessidades tem uma relação suficiente com seus meios. Caso contrário, se elas exigem mais do que lhes pode ser oferecido ou simplesmente algo diferente, estarão constantemente em atrito e não poderão funcionar sem dor. Ora, um movimento que não pode produzir-se sem sofrimento tende a não se reproduzir. (DURKHEIM, 2000. p.311).

Hoje, em pleno século XXI, com toda progressão tecnológica e ao mesmo tempo com o alto número de pessoas que vivem apenas com o mínimo necessário para sobrevivência e outros nem mesmo com esse mínimo, na extrema miséria, como podemos conceber o conceito de felicidade em uma era hipercapitalista e consumista no indivíduo que consegue (quando consegue) apenas suprir as suas necessidades básicas para a sobrevivência?

Toda grande crise afeta as áreas na sociedade, onde podemos destacar como as principais a saúde e economia. O número de desempregados aumenta drasticamente durante uma crise, sendo as pessoas que vivem na periferia as que mais sofrem.

Segundo o IBGE, o Brasil está com 14,4 milhões de desempregados, um recorde histórico no país. São 14,4 milhões de pais e mães que sustentam as suas casas, não enxergando o mínimo de possibilidade para suprir o básico e necessário na vida que é a alimentação. Sentem-se incapazes, castrados, um sentimento de inferioridade. Junto com o aumento de desemprego cresce também o número de pessoas com depressão e crises de ansiedade, doenças que afetam o emocional, físico e psicológico que tendem a levar a pessoa ao suicídio por não permitir enxergar um pouco de esperança para um futuro melhor e digno.

O filósofo argelino Albert Camus, um dos principais da tradição existencialista, nasceu em 1913 e morreu em 1960 em um acidente de carro. Perdeu seu pai na primeira guerra mundial e durante a segunda guerra escreveu dois livros que são muito importantes na filosofia e literatura, livros intitulados como “O Mito de Sísifo” e “O Estrangeiro”.

Assim como Emile Durkheim, Albert Camus também estudou o suicídio, porém, a partir de uma visão mais filosófica, estabelecendo como o problema mais importante dentro da filosofia:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo. Estão aí as evidências que são sensíveis para o coração, mas é preciso aprofundar para torná-las claras à inteligência. (CAMUS, 2004 p.7)

Contrário à Durkheim que estudou o suicídio como fenômeno social, Camus nos mostra que esse problema é individual e nasce no íntimo de cada ser humano, de forma que o próprio o ignora.

O suicídio sempre foi tratado somente como um fenômeno social. Ao invés disso, aqui se trata, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto como este se prepara no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra. O próprio homem o ignora. (CAMUS, 2004. p.8).

Em seu livro “O Mito Sísifo”, Camus nos conta a história de um homem que foi condenado pelos deuses a rolar uma pedra até o topo do monte. Após concluir a subida, a pedra rola para baixo e tudo se repetiria pelo resto de sua vida, ou seja, condenado a repetir a mesma tarefa. Esse mito ao qual o filósofo conta é a imagem da nossa vida, nós vivemos diante de uma rotina onde estudamos, crescemos, trabalhamos e um dia todos nós iremos morrer, ou seja, toda a pedra que estamos levando até o alto da montanha uma hora ela irá descer novamente e se repetir pela eternidade. A ideia do filósofo é nos mostrar a absurdidade da vida humana.

Camus nos diz que o absurdo nasce na relação entre o ser humano e o universo porque exigimos do universo, clareza, unidade e sentido. A sensação do Absurdo vem da resistência que o universo tem às nossas exigências, daí temos a noção de absurdo. Todo homem vai passar pelo mesmo ciclo e todos chegarão até a morte e todos que morreram não retornarão para nos contar o que ela é. Esse processo gera em nós o sentimento de absurdidade.

Todo ser humano desde que passa a ter consciência de sua existência, entra em uma busca pelo verdadeiro sentido da vida, sendo essa a mais importante para o filósofo, “Julgo, portanto, que o sentido da vida é a mais decisiva de todas” (CAMUS, 2004. p.8). Para muitas pessoas, não encontrar o sentido da vida é estar diante do absurdo, resolvendo-se esse problema com o suicídio, porém Camus nos mostra que o suicídio não é resolução para a absurdidade, mas sim enfrentar a vida.

Sísifo tem consciência de toda a sua vida e encara a sua existência que é o absurdo. A solução para o absurdo da nossa existência é viver, não ter medo do absurdo e não fugir do destino.

Deixo Sísifo no sopé da montanha! Sempre se reencontra seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz. (CAMUS, 2004. p.87).

Conclusão

Ambos os filósofos retratam sobre o suicídio e suas consequências dentro de sua época, apesar de partirem de pressupostos diferentes, Emile Durkheim partindo de um olhar social e Albert Camus em direção à absurdidade.

Aqui podemos ver a maior contradição humana, visto que milhares de dólares são investidos todos os anos pelas grandes empresas para o crescimento da tecnologia em busca de possíveis “vidas” em outros planetas. Porque buscar em outro planeta aquilo que temos em abundância aqui?

Independente do olhar sobre o suicídio dentro de todos os estudos feitos, é necessário que assim como os filósofos, todos nós também devemos dar mais atenção sobre essa questão que vem dizimando milhares de pessoas em todo o mundo, ferindo famílias e diminuindo aquilo que é essencial e forma a sociedade, a vida humana, o ser humano, nosso único bem maior que realmente vale a pena ser conservada, cuidada e investida.

Quem se mata não quer morrer, apenas acabar com a dor.

Referências

- CAMPOS, Ana Cristina. IBGE estima que desempregados no Brasil sejam 14,4 milhões. Agencia Brasil. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-04/ibge-estima-que-desempregados-no-brasil-sao-144-milhoes>. Acesso em: 10 de Junho de 2021.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 1ª edição: Record, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRAZÃO, Dilva. Albert Camus. ebiografia. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/albert_camus/. Acesso em: 10 de Junho de 2021.
- FRAZÃO, Dilva. Émile Durkheim. ebiografia. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/emile_durkheim/. Acesso em: 10 de Junho de 2021.
- Mini Aurélio Século XXI Escolar. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2001.
- SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. Fiocruz. 2020. disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 10 de Junho de 2021
- Preparing Michigan for the Behavioral Health Impact of COVID-19. **Pine Rest.**, 2020. Disponível em: <https://www.pinterest.org/media/Preparing-Michigan-for-the-Behavioral-Health-Impact-of-COVID-19-Report.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2021.
- RODRIGUES, Pedro Eurico. Kamikazes. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/kamikazes/>. Acesso em: 10 de Junho de 2021
- STAUDENMAIER, Rebecca. Mundo tem 800 mil suicídios por ano, e pandemia impõe desafio à prevenção. Uol. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/deutsche-welle/2020/09/10/mundo-tem-800-mil-suicidios-por-ano-e-pandemia-impoe-desafio-a-prevencao.htm>. Acesso em: 10 de Junho de 2021